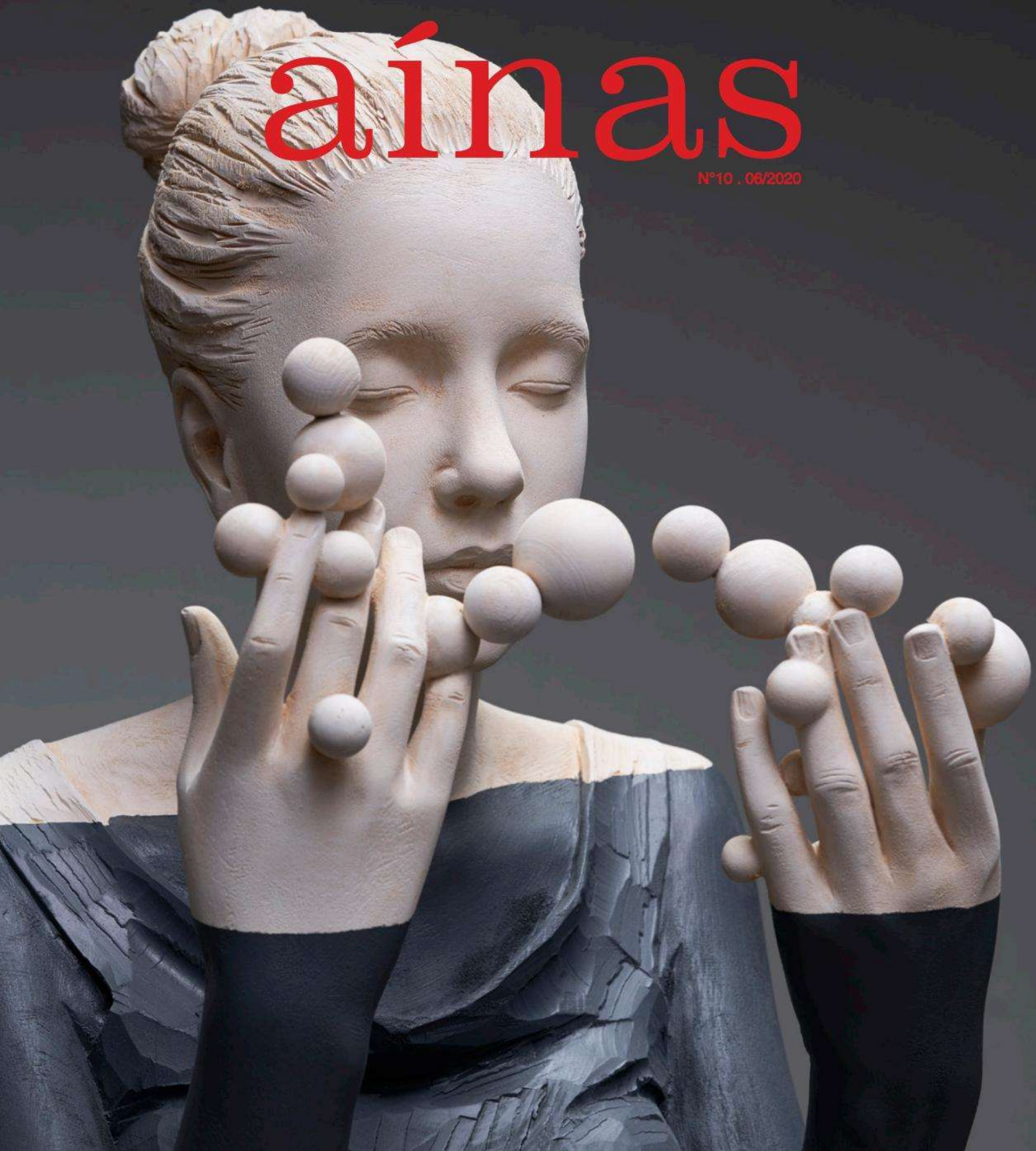


# ainas

Nº10 . 06/2020



# ainas

Terzo anno  
AÍNAS Nº10 . 06/2020  
WWW.AINASMAGAZINE.COM  
INFO@AINASMAGAZINE.COM

Direttore Bianca Laura Petretto  
Condirettore Giorgio Giorgetti  
Grafica Gabriele Congia  
Informatica Michelangelo Melis

In copertina l'opera è di Willy Verginer:  
*Chimica del pensiero*, 168x46x45 cm.,  
sculpture: lindenwood, acryl color, 2019

© Ainas 2020

La traduzione, la riproduzione e l'adattamento totale o parziale, effettuati con qualsiasi mezzo, inclusi la fotocopiatura, i microfilm e la memorizzazione elettronica, anche a uso interno o didattico, sono consentiti solo previa autorizzazione dell'editore. Gli abusi saranno perseguiti a termini di legge.

*is aínas faint is fainas . gli strumenti fanno le opere*

Terzo anno AÍNAS nº10 © 06/2020, reg. nº 31/01 Tribunale di Cagliari del 19 09 2001, periodico di informazione trimestrale, cartaceo e telematico. Iscrizione nº 372004 al Registro della stampa periodica Regione Sardegna, L.R. 3 luglio 1998, nº 22, ART. 21.

ISSN 2611-5271

*Editore e Direttore responsabile Bianca Laura Petretto, Cagliari, Quartu Sant'Elena, viale Marco Polo n. 4.*



Happy Hour Edizioni



*Un ringraziamento speciale a Guido Festa  
Progettazione e costruzione di "GLOVE BOXES"  
e prototipi per la ricerca farmaceutica e nucleare  
[www.euralpha.it](http://www.euralpha.it)*

**Fondazione Oristano**

**B&B Art**  
Museo di Arte  
contemporanea

[www.bbartcontemporanea.it](http://www.bbartcontemporanea.it)  
[info@bbartcontemporanea.com](mailto:info@bbartcontemporanea.com)



THE NEW CODE

# território livre



SÉRIE CAIXA DE PARADAÇA I

*Gersony Silva*

*105x94x38 cm.,*

*madeira, mídia eletrônica, resina e alumínio, 2017*



A arte contemporânea está imersa em questionamentos. Como uma obra muitas vezes realizada para ser transitória pode permanecer no museu? De que modo uma proposta conceitual “desmaterializada”, pode estar inserida em um acervo? Como armazená-la? Além de questões epistemológicas e técnicas, supõe debates de trajetórias históricas.

Quando termina a arte moderna? Quando começa a contemporânea? O que será considerado contemporâneo daqui a 50 anos? Na pluralidade estética contemporânea, tem-se adjacente os desdobramentos da antiarte. Estão disponíveis não apenas as apropriações, reapropriações e as anotações dos artistas, mas também seus artefatos e seus próprios gabinetes de trabalho.

As propostas contemporâneas articulam-se cada vez mais com o cotidiano e as questões político-econômicas e tecnológicas. Mudaram-se os parâmetros e a própria concepção de arte. De um lado, obras contemporâneas, muitas vezes, questionam a própria instituição. Por outro lado, são assimiladas pelo mercado, tornando-se alvo do marketing e do próprio sistema econômico-social.

Na estética do território livre, deve-se levar em conta que a arte começa onde o mundo convencional termina. Esta estética designa aquele espaço em que a realidade e a imaginação estão em conflito. Nesse sentido, pode-se acrescentar que, de um lado, está a realidade do mundo concreto e, de outro, uma realidade em que o artista se apresenta como “guardião de fronteiras”, revelando o mundo através de suas metáforas poéticas.

Entretanto, a visão do artista, repleta de símbolos e imagens, pode tornar a realidade do mundo mais plena de sentido, retomando a concepção de Paul Klee, de que “a arte torna visível o invisível”.

No contexto de grandes mostras contemporâneas, como ocorre nas últimas bienais internacionais, a devastação do mundo real e das relações interpessoais que se condensam na arte torna-se tema cada vez mais emergencial. Como as obras de arte são mais que objetos, a condensação artística de fenômenos da realidade torna-se complexa.

Os artistas, mesmo inseridos no conflito entre realidades, não duplicam o mundo, mas criam espaços livres em meio às situações do cotidiano ou do mundo: a obra de arte revela outra realidade. A arte existe fora da causalidade e não pode ficar presa no arcabouço férreo de mecanismos de coerção.

As propostas ambientais, objetos e sucatas do meio urbano, os recursos multimídia e motivações lúdicas fervilharam. A reflexão sobre o espaço e tempo (e de como o espaço pode tornar-se tempo) partia de uma herança comum, de forma que artistas comprometidos orientavam suas obras na direção de desejos, comportamentos e modos de ser comuns a todos os seres humanos - um processo que poderia ser brando ou turbulento, sendo visto em termos de uma estética ou como meio de “desvelar a verdade”.

As experiências contemporâneas, em boa parte, estão fora de museus e galerias. Estão nas ruas, parques e em lugares inesperados. Atingem enormes proporções ou são descartáveis ou inadequadas para uma reserva técnica e sistemas museológicos.

As propostas contemporâneas articulam-se cada vez mais com o cotidiano e as questões político-econômicas e tecnológicas. Mudaram-se os parâmetros e a própria concepção de arte.

## THE NEW CODE

A ideia de território livre, de certa forma, pode estar associada tanto a propostas similares às sugeridas pelas bienais venezianas, como a outros projetos de arte contemporânea que conquistam novos territórios.

Pode-se incluir o que não é uma temática, mas uma dimensão, podendo conter tudo: multidões de faces de homens e de suas manifestações.

Portanto, em uma “visão do território livre” esse ambiente não está limitado a um espaço expositivo, pode envolver a cidade inteira ou de vários exercícios de liberdade, nas palavras de Mário Pedrosa.

*Elza Ajzenberg*  
*Profa. Titular da Escola de*  
*Comunicações e Artes – ECA USP*  
*São Paulo, 10 de junho de 2020*

